

Homilia da Missa de Sétimo Dia de Ulpiano Vázquez Moro, SJ*

Capela Santo Inácio – FAJE 28/07/2017

Por Luiz Carlos Sureki, SJ

Eucaristia – ação de graças, agradecimento, louvor. Celebramos a vida e agradecemos a Deus o dom da vida. Hoje, a comunidade jesuíta, a comunidade acadêmica da FAJE, a comunidade eclesial, agradece a Deus o dom da vida do companheiro, amigo, religioso, padre, professor, doutor, guia espiritual: o Pe. Ulpiano Vázquez.

Como aluno no curso de graduação em teologia, no primeiro semestre do ano de 2006, encontrei Ulpiano, o professor da disciplina Deus-Trindade. Apesar de já se terem passado 11 anos, lembro bem que na primeira aula suas primeiras palavras foram as seguintes: "Sou o professor Ulpiano. E hoje dou início a esse curso de Trindade aqui na nossa faculdade pela vigésima sexta vez. Mas toda vez que eu o inicio, me sinto como se o estivesse fazendo pela primeira vez". Fiquei me perguntando: como alguém que deu o mesmo curso mais de vinte vezes podia se sentir assim? A resposta viria durante o curso e depois deste para toda a vida: porque falar de Deus é falar do amor. E ninguém fala melhor do amor do que aqueles que estão enamorados, apaixonados, os poetas. Nele, Ulpiano, transparecia alguém muito consciente de ser incondicionalmente amado por Deus. Seu esforço era o de possibilitar que cada de um de nós, seus alunos/as, orientandos/as, paroquianos/as, seus dirigidos/as nos EE, chegasse por si mesmos à essa consciência, à essa experiência fundante e libertadora:

* Este comentário foi apresentado dentro do Projeto Filmes para Pensar e Ser Mais, do PPG-Filosofia, no dia 03/10/2017.

Deus, Pai, que amou tanto o mundo que enviou seu filho ao mundo, a nós, para salvar o mundo, nos salvar, realmente me ama, é um apaixonado por mim, e isso fará toda a diferença em tudo o que eu vier a fazer na vida e pela vida porque a partir da ótica do amor de Deus a vida é simplesmente diferente. O modo como Deus nos vê, me vê e vê o mundo é diferente, assim como diferente é o olhar de uma pessoa apaixonada por alguém. Um versículo da Primeira Carta de João, tantas vezes mencionado por ele nas aulas, aparecia na capa da apostila: "Quem não ama, não conhece a Deus, porque Deus é amor" (1Jo 4,8). Logo abaixo, a discreta frase de um de seus teólogos favoritos Santo Agostinho: "Vês a Trindade se vês o Amor" (De Trinitate).

Quando eu soube que faria a homilia nesta celebração de hoje, me imaginei perguntando ao próprio Ulpiano, com quem convivi nestes últimos meses, na liberdade que nos era própria: "Ulpiano, que que eu falo na missa do sétimo dia do teu falecimento?" Me pareceu bastante evidente o que ele responderia: "fale do amor de Deus, pois só o amor é digno de fé, e porque só o amor é o fundamento da nossa esperança". Logo, o amor de Deus que se faz doação, que se faz vida, razão principal de toda celebração eucarística, é também a razão principal que nos reúne aqui nesta noite.

Nas numerosas vezes e em diferentes circunstâncias em que Ulpiano explicou o Símbolo da Fé a tantos cristãos e cristãs aqui e pelo mundo afora, com muita espontaneidade insistia na parte pneumatológica do mesmo, ou seja, insistia no amor de Deus em nós, que chamamos Graça ou Espírito Santo. Lembrava a todos que tudo o que dizemos da ação do Espírito Santo, e aí está também a ressurreição e a vida eterna, só se torna compreensível na força desse amor de Deus em nós, como o Senhor que dá a vida. Dizer: "creio na ressurreição dos mortos e na vida eterna" não é algo que podemos assegurar por nós mesmos, que podemos demonstrar, seria, dizia ele com humor, "muita areia para o teu caminhãozinho"; mas é o encantador resultado da força do amor de Deus que nos arranca de nós mesmos e nos permite olhar para além de nós mesmos, das nossas forças, das nossas possibilidades, que nos permite "caminhar sobre as águas" por termos o olhar fixo em Jesus (cf. Mt 14, 28-29) e nos entregar confiantes nos braços daquele que nos ama (cf. Lc 23,46). O amor provoca em nós um "desorbitamento", como costumava dizer Ulpiano.

Com efeito, quem ama tem, não a sua vida, mas a vida do amado como prioridade; quem ama não abandona o amado no reino do esquecimento, no reino da morte. Essa é mensagem implícita nas palavras de Jó que ouvimos a pouco: "Eu sei que o meu redentor está vivo e que por último se levantará contra o pó; e depois que tiverem destruído esta minha pele, na minha carne verei a Deus, eu mesmo o verei, meus olhos o contemplarão, e não os olhos dos outros".

Igualmente é a mensagem central do relato evangélico da ressurreição de Lázaro, apresentada por João como o sétimo e grande sinal realizado por Jesus, que como tal deve ser aplicado a Jesus mesmo.

Nós ouvimos somente um trecho que se reporta ao diálogo de Jesus com Marta (Jo 11, 17-27) Sabemos, contudo, que neste belo relato evangélico, Jesus chora a morte de Lázaro e as pessoas comentam: "vede, como ele o amava" (Jo 11,36). É sob esse pano-de-fundo do amor que entendemos melhor o diálogo de Jesus com Marta: "Senhor, se estivesse estado aqui, meu irmão não teria morrido". Parece que Marta está dizendo: ele não teria morrido porque você o amava. E por ser isso verdade, é que Jesus diz: "Teu irmão ressuscitará". "Quem crê em mim - (ou seja, quem crê no amor de Deus manifestado entre nós no Filho Jesus, o Emmanuel) - não morrerá jamais". Nesse contexto, Ulpiano gostava de citar uma frase de Gabriel Marcel que dizia: "Amar alguém significa dizer: você não morrerá!". E a pergunta de Jesus à Marta é a mesma pergunta para nós: "Crês nisso?" Crês que não morrerás porque eu te amo? Marta responde: "Sim, Senhor, eu creio que tu és o Messias, o Filho de Deus, que deveria vir ao mundo", poderíamos seguir dizendo: para salvar o mundo, para tornar presente e atuante no mundo o reinado de Deus, o reinado do Pai amoroso e compassivo. O Filho amado de Deus Pai não ficará no reino dos mortos, ressuscitará para a vida, assim como ressuscitarão para a vida os amados do Filho amado de Deus. É Jesus mesmo, em outro texto do evangelho de João quem diz: "eis que eu vou preparar um lugar para vós para que onde eu esteja aí também estejais vós" (cf. Jo 14,2-3). Se Deus, dizia Ulpiano, tivesse nos criado para que vivêssemos 40, 70 ou ainda que 100 anos, isso seria muito pouco diante da infinitude do amor de Deus.

E a propósito de uma missa de sétimo dia, disse ele certa vez a alguém que não via sentido em rezar pelos falecidos, que, por causa do amor de Deus em nós, em todos os tempos e lugares, cremos na comunhão dos santos. E os santos, dizia, não é um clube celestial, do qual Maria é a presidente. Santos são todos aqueles/as que o Espírito Santo, o amor de Deus, em Cristo Jesus, conquistou, reuniu, fez morada nos corações. E como a história pessoal de cada um não existe fora de uma teia de relações com os outros, é preciso lembrar dos que nos precederam para compreendermos quem nós somos. Precisamos agradecer a Deus pelos que nos precederam na fé e deram testemunho do amor de Deus porque eles, assim, nos legaram um tesouro precioso: a esperança. Rezamos pelos nossos falecidos porque somos todos da família de Deus, os reunidos pelo amor de Cristo. Então Ulpiano dizia naquela ocasião: "se aquela pessoa que partiu porventura precisar da nossa oração, então é por isso que nós estamos rezando por ela; mas se ela não precisar da nossa oração, então ela reza conosco". Certamente Ulpiano está mais rezando conosco do que nós rezando por ele.

Filho de Santo Inácio, seu grande teólogo, exímio conhecedor da dinâmica dos EE, versado na linguagem teográfica e mistagógica, Ulpiano nos ajudava a ler o que Deus, com o Espírito Santo, escrevia em nossos corações. "Vós sois uma carta de Cristo escrita não com tinta em tábuas de pedra, mas com o Espírito do Deus vivo nas tábuas de carne do coração". Essa referência à carta de do Apóstolo Paulo aos Coríntios (Cor 2,33) era-

lhe especialmente inspiradora. A “carta de Cristo” que fora sua vida foi concluída com a ressurreição. E por ter sido ele uma carta de Cristo, suas palavras, seus gestos, sua alegria, sua dedicação acadêmica e apostólica, sua simplicidade, que revelavam o seu amor ao mestre Jesus Cristo, assim como o amor do Mestre por ele, continuarão vivas em nós porque elas já fazem parte da nossa própria carta, da nossa vida espiritual, da nossa reflexão teológica, na consciência viva de sermos todos da família de Deus.

Daí nossa gratidão, nossa ação de graças a Deus pela vida e pelo testemunho de um filho querido da Igreja de Cristo, da Companhia de Jesus, e em Jesus, nosso irmão. Se por um lado Ulpiano deixa muita saudade, por outro lado deixa também a alegre esperança do nosso reencontro, sempre na força do amor de Deus que não interrompe a nossa relação, mas antes fortalece a comunhão dos santos e nos impulsiona a continuarmos sendo portadores da boa notícia, da ressurreição e da vida eterna: porque Deus te ama, você não morrerá! Acho que é fundamentalmente isso o que Ulpiano diria, acho que é fundamentalmente isso que ele gostaria que, nesta noite, vos dissesse.

Louvado seja nosso Senhor Jesus Cristo.